

Informe



CIMilho
Centro de Inteligência
do Milho



**Boletim Informativo do Centro de Inteligência do Milho - Ano 10 - Edição
92 - Abril de 2018**

INDICADORES DE TENDÊNCIA CIMILHO (92)

Desdobramentos no mercado de milho da guerra comercial China x EUA

[Rubens Augusto de Miranda](#)

Pesquisador da área de Economia Agrícola da Embrapa Milho e Sorgo

Desde que os Estados Unidos da América (EUA), no início de março de 2018, anunciaram uma sobretaxa ao aço e ao alumínio importados de vários países, os mercados começaram a ficar apreensivos. Considerando que os principais *players* foram retirados posteriormente da lista da sobretaxa, mas ficando a China, os norte-americanos indicaram claramente o seu alvo. Adicionalmente, no dia 22 de março, anunciaram tarifas no montante de US\$ 50 bilhões sobre 1,3 mil produtos chineses, com a alegação de violação de propriedade intelectual.

Procurando responder às taxações, a China, no dia 2 de abril, impôs tarifas de 25% sobre 128 produtos importados dos EUA e iniciou-se a “guerra fria comercial” entre os dois países. No que concerne ao setor agropecuário, as tarifas sobre a soja e carnes podem ter um efeito em cadeia explosivo e grandes reflexos no Brasil.

Na última safra, 2016/17, produziram-se 350,76 milhões de toneladas de soja no mundo, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Somente os EUA e o Brasil foram responsáveis por dois terços deste montante, 116,8 e 114,1 milhões de toneladas, respectivamente.

Do lado da demanda, as importações mundiais totalizaram 144,3 milhões de toneladas, sendo supridas basicamente por EUA e Brasil, com 59,2 e 63,1 milhões de

toneladas, respectivamente. A China é a maior consumidora mundial de soja, 102,8 milhões de toneladas em 2016/17, mas produz pouco, apenas 12,9 milhões de toneladas. Assim, para satisfazer as suas necessidades domésticas, segundo dados do Departamento de Alfândega da China, os chineses importaram 95,5 milhões de toneladas de soja em 2017, o que representa 65% do comércio mundial do grão. Desse total, 50,9 milhões de toneladas foram supridas pelo Brasil e 32,8 milhões de toneladas pelos Estados Unidos.

O grande problema é que a retirada da soja norte-americana da equação do abastecimento do mercado chinês levanta uma série de interrogações, principalmente ao fato de que poderá não haver quantidade suficiente da oleaginosa fora dos EUA para abastecer as necessidades da China. Diversos analistas têm colocado que a China não tem como substituir os mais de 30 milhões de toneladas adquiridas dos EUA. O Brasil não teria esse volume adicional exportável e a Argentina está com problemas na sua safra.

Após o anúncio chinês da imposição de tarifas à soja dos Estados Unidos, o mercado passou a apostar as suas fichas na *commodity* brasileira e o prêmio pago pela soja brasileira em relação ao preço internacional chegou a US\$ 1,90/*bushel*. A título de comparação, esse prêmio, no respectivo período, em 2017, estava em US\$ 0,24/*bushel*. Entretanto, mesmo antes no anúncio tarifário, a China já estava reforçando as compras de soja do Brasil como retaliação indireta à soja norte-americana.

O eventual volume adicional da soja exportada para a China competirá com o nosso consumo doméstico, elevando os preços internos. A soja, em patamares maiores de preços, no médio prazo, impactaria a produção de milho no Brasil. Considerando que o milho de verão concorre com a soja por espaço, preços ainda maiores da oleaginosa desestimulariam a produção do cereal na primeira safra. Deste modo, a produção de milho será ainda mais comprimida no inverno.

Na disputa dos gigantes não é apenas a soja brasileira que pode ser diretamente beneficiada. A China, no último quinquênio, importou entre 2,5 e 5,5 milhões de toneladas anuais de milho, e as aquisições de sorgo ficaram entre 4,2 e 10,2 milhões de toneladas, e essas quantidades foram adquiridas basicamente dos EUA. Dado o conflito comercial, mesmo sem barreiras tarifárias para esses produtos, os chineses poderiam privilegiar os grãos brasileiros em detrimento dos norte-americanos. Cabe lembrar que a Argentina, um dos concorrentes por tais mercados, enfrenta uma das maiores secas das últimas décadas, e já se estimam quebras de safra entre 30% e 40%.

Nesse confronto direto entre a China e os EUA, os chineses serão mais prejudicados por serem mais dependentes da economia norte-americana e, por isso, há a possibilidade de alguma conciliação. Nesse caso, a vantagem para o Brasil em alguns mercados seria apenas pontual e momentânea. Nas próximas semanas, ou meses, os olhos do mundo estarão voltados para essa queda de braço, e o que nos resta fazer é nos prepararmos para as contingências que estão por vir.